

Neuzi 11

Neuzi de Fátima Pinto

Ana Paula Salej Gomes

Giovanna Lunardi Toledo

“Eu amo essa batalha! (...) Se for pra mim largar aqui ou vender e ir pra cidade, meus dias de vida, eu tenho certeza que é menos.”

11.1 O trabalho na infância e na adolescência

Eu me chamo Neuzi. Nasci no dia 16 de abril de 1966, no município de Bonfinópolis, em Minas Gerais. A gente tinha um pedacinho de terra, lá num local chamado Capivara. Minha mãe, Maria das Dores Pinto Machado, e meu pai, Arnaldo Pinto Machado, eram primos, primo-irmão, como o pessoal fala. Eles tiveram cinco filhos: eu e meus quatro irmãos. Eu sou a mais velha, mas da parte do meu pai. Porque tinha também a minha irmã mais velha, a Glória, que não morava com a gente. Quando o pai dela morreu, a minha mãe tava grávida de um mês. Depois que a minha mãe casou com o meu pai, ela já foi morar com os meus avós. Meus pais não sabiam escrever nem o nome e a situação deles era bem fraca.

De Bonfinópolis até no ponto que eu morava, eram 18 quilômetros. O meu pai andava isso tudinho de a pé. Colocava um pouquinho de coisa de cada lado da mala, um bocado de coisa daqui e outro de cá, colocava as malas na cacunda e ia embora pra casa. Eu lembro muito bem que ele chegava em casa cuspiendo. Ele cuspiu aquela bola de espuma de tão cansado, com vontade de comer e com sede. Em tempo de chuva, quando o córrego tava cheio, o pai ficava esperando a água baixar. Mãe preocupada, em casa, esperava a chuva parar um pouco. Quando tava chovendo, ela pegava a candeia e ia ao encontro dele.

O meu pai trabalhava muito. Ele era uma pessoa de muita garra. Ele dependia muito do braço. Entrava na mata e desmatava era no braço. Fazia aquela cerca de lanço no braço. Não tinha nada pra carregar pra ele, nem um boi pra puxar pra ele. E a gente era aquela turmada. Via que ele tava sofrendo pra sustentar e falava pra ele deixar a gente ajudar. Ele não aceitava não:

Não precisa de mulher garrar em roça não. Não precisa. Eu dô conta e eu não preciso de ajuda de mulher. Eu era mais velha e era mulher. Os meus irmãos que eram mais novos, ele sentia que não podia levar pro serviço.

Minha mãe não era de trabalhar na roça. O meu pai não deixava. Mãe não gostava de deixar a gente fazer as coisas não. Eu e minha irmã, Madalena, a gente ajudava a minha mãe, mas era porque a gente gostava de ir mais ela. Lavar vasilha, a gente lavava vasilha no córrego. Buscar água, era lá no córrego também, na cabeça. No caso de lavar roupa, era eu mesma que lavava. As coisas menores, eu dava conta de esfregar. As coisas maiores, eu não dava conta. Na época, não tinha escova. Esfregava era na mão. A gente não dava conta de esfregar, porque a roupa era de algodão. Era tudo feito de algodão. A roupa do meu pai, a roupa da minha mãe, coberta, lençol, embornal, mala, tudo de algodão. Eu não dava conta de esfregar, então, eu ia com mãe. Ela lavava – ensaboava, esfregava, punha pra quarar. Colocava ali na pedra. Eles falavam no quarador. Lá em cima da pedra, deixava pegar um solzinho. Aí, depois, a gente ia esfregar. O sabão dela era feito no tacho. Aquele sabão com aquelas pelotonas. Eu gostava de pegar essa pelota e ficar esfregando na roupa. Eu também ajudava minha mãe a enxaguar a roupa. Às vezes, eu gostava demais de sentar lá na pedra, batendo a roupa. Na época de chuva, a roupa ficava até dois dias. Aquela roupa mais encardida, todo dia a gente ia lá e dava uma mexida nela, até que limpava. Então, era esse o serviço. No mais, era tratar de porco e galinha. Isso era coisa dos meninos, Deuzilto e José Maria.

Eu comecei a trabalhar na terra com 12 anos, quando passei a levar a comida pro meu pai na roça depois da escola. Aí, eu levava o almoço e ia ficando. Primeiro, fui ajudando meu pai encoivarar. Encoivarar é juntar os paus, amontoar e colocar fogo. Naquela época, não tinha trator, não tinha quem encoivarasse. Aí, ele foi me ensinando a mexer com a enxada e as outras coisas. Só não me ensinou a mexer com a foice. Achava muito perigoso. Até hoje, eu não mexo com a foice. A gente roçava e encoivarava, pra depois plantar.

Com 14 anos, eu fui trabalhar na casa dos outros, pra eu poder ajudar meus pais e ter meu dinheirinho. Isso era no meu intervalo de escola. E eu ia de manhãzinha, bem cedinho, pra escola e, na hora de voltar, eu já ia pra casa do pessoal. Igual no caso do Devair e da mulher dele. Eles tinham quatro crianças. Os meninos e as meninas eram tudo pequenininho. Eles mexiam com muita roça e, então, eu ia pra ajudar a Antônia a arrumar as coisas.

Com 16, eu fui trabalhar com um pessoal, zelando duas crianças. Nessa época, eu já tava namorando o Domingos. Eu estudei até 16 anos. Depois, eu parei de estudar. Estudei até a quarta série. E, com 17, eu já não fui mais pra escola. Aí, eu ia pro trabalho de manhã e voltava à noite. Continuei na casa dos meus pais. Meus pais não deixavam eu sair. Foi só uma época que eu fiquei um ou dois meses mais ou menos na casa de uma mulher, porque ela foi ganhar neném e eu tomei a responsabilidade. Fazia comida e olhava os quatro meninos deles. O homem tinha serviço. Nesse intervalo, eu ficava a semana. Só final de semana que eu ia para a casa dos meus pais. Aí, eu já tava preparando o meu enxoval.

Com 18 anos, eu casei e fui morar na roça com o meu marido, Domingos Brandão dos Santos, na Matinha, em Brasilândia de Minas. O Domingos foi nascido e criado na roça com os pais. A gente conheceu, casou e viveu a vida tranquila. Com 19 anos, eu tive a primeira filha, Lucimar, e já continuei o meu trabalho na roça. Eu deixava as meninas na casa da minha sogra, ou então, às vezes, a minha cunhada ia de manhãzinha, me ajudava a fazer o almoço e já ficava com as minhas meninas pra eu ir levar o almoço e lá eu ficava. Eu lembro bem. Teve um ano que eu tava com a Lucimar e a Valéria. Aí, eu fazia comida, punha nas marmitas, fazia uma rodia com o pano, colocava as marmitas na bacia ou então na gamela, punha na cabeça e ia pra casa da minha sogra. Assim, com um embornal do lado com merenda, a Valéria enganchada do outro lado e esperando a Lucimar caminhar, eu ia quatro quilômetros até a casa da minha sogra. Chegava lá, deixava as meninas e ia pra roça.

Na Matinha, eles usavam fazer troca de serviço. Acho que, até hoje, ainda continua. Junta aquela turma e vai pra uma roça. Na hora que termina a roça daquela pessoa, vai pra outra. Roça, pasto, tudo é assim. Então, eu ia e ajudava, quando tava trabalhando pra nós. Eles também tinham o negócio de mutirão. Faziam mutirão pra juntar todo mundo e capinar a roça. Juntava ali de dez até 15 peões pra fazer o serviço. As mulheres juntavam pra ajudar a fazer a comida. O pilão também. A gente limpava arroz era no pilão. Socava canjica. Tem aquele pilão tocado a água e tem o tocado por gente mesmo. Caso o monjolo estivesse estragado, aí, a gente juntava a turma e ia pro pilão.

11.2 A luta pela terra

A luta por essa terra aqui, eu comecei quando saiu a Reforma Agrária¹. Aí, eu me associei ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bonfinópolis². Saiu um assentamento chamado Saco Rio Preto³, em Natalândia, mas a gente não conseguiu entrar nele. Por isso, transferi meu sindicato de Bonfinópolis pra João Pinheiro. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de João Pinheiro, naquela época, abrigava também o pólo regional da Fetaemg, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais. Fiquei junto com a Dona Elza, que já trabalhava lá com o Movimento de Assentamento. Nisso, foi que a gente já começou a batalha pra essa terra aqui⁴.

Foram necessários muitos anos de lutas e pressões dos trabalhadores com o Incra, para que a desapropriação acontecesse. Eu acho que eu participei dessa luta seis anos. A gente organizou muita manifestação para pressionar. Primeiro, a gente invadiu a sede da Codevasf, Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba, a Fazenda São José, e acampou lá. Aí, fomos despejados. Os policiais foram, fizeram muita pressão e a gente teve que sair. Decidiram, então, que a gente não voltava pra casa, que a gente ia pra porta da prefeitura. Assim a gente fez. Juntou, arrumou carro e foi da Fazenda São José pra porta da Prefeitura de João Pinheiro. Sei bem porque a gente ficou todo mundo acampado. Fez igual uma turminha de cigano, mas muito legal, sabe? Lá na prefeitura, a gente teve o maior apoio. Não lembro quanto tempo que ficamos lá. Mas, depois de algum tempo, foi todo mundo de volta pras suas casas. A gente voltou pra Brasilândia, pra Matinha.

Eu morava lá ainda, quando a gente viu que o meu pai tava muito ruim. A gente procurava levar ele pro médico e ele não aceitava de jeito nenhum. Ele sentia aquele cansaço e a gente falava com ele: *Pai, vamos no médico?* Ele respondia: *Não, não vou não*. E a gente não tinha carro, pra pegar a força,

1 O Plano Nacional de Reforma Agrária foi instituído pelo Decreto nº. 97.766 de 10/10/1985. O tema foi objeto de intensas discussões durante a constituinte. Como um dos resultados observamos a inclusão da função social da terra na Constituição Federal de 1988. Após a promulgação da nova Constituição destaca-se a recriação do Incra em 1989, após sua extinção em 1987.

2 Para conseguir a terra em um assentamento era necessário ser sindicalizado.

3 A Fazenda Saco do Rio Preto foi ocupada, em 1989. No entanto, os registros do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) mostram que esse assentamento foi regularizado somente em 08/02/1995.

4 Segundo o "Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental do Projeto Final de Assentamento do PA Tamboril", a história do Projeto de Assentamento Tamboril começou, em meados de 1983, quando um trabalhador, hoje lá assentado, comprou o direito de posse sobre uma pequena parcela nas terras da antiga Fazenda Tamboril/Resfriado, nas mãos de um grande fazendeiro da região, mas não conseguiu tomar posse da área adquirida. Naquela época, havia no município um histórico de desentendimentos entre posseiros, pequenos proprietários e grandes fazendeiros, por causa de divisas, direitos de posse, escrituras etc, ou seja, pela posse da terra. A disputa era tamanha que os grandes fazendeiros, em muitos casos "grileiros", também brigavam entre si.

né!? Era distante demais. Era muito complicado. Naquela época, não tinha asfalto de Brasilândia a Bonfinópolis. Quando ele deu uma melhoradazinha, foi na época que meu marido descombinou mais o irmão e resolveu ir embora pra Brasília. Fomos pra lá e lá a gente ficou. De lá, eu ia fazendo acompanhamento do meu pai cá. Minha irmã mais nova, Madalena, que morava em Brasília, voltou pra morar com os meus pais, quando eu fui pra lá. Aí, a gente ligava pra ela.

Naquele tempo, Dona Elza é que me avisava o que tava acontecendo no sindicato. De 15 em 15 dias, tinha reunião, mas eu vinha só de mês em mês. Quando tinha aquelas reunião extraordinária, não tinha como eu vir. A Lucimar e a Valéria já tavam estudando e ficavam com o Domingos. Só que ele trabalhava à noite. Aí, elas ficavam com a minha irmã, a Glória, ou com a minha cunhada, até eu chegar. Era só eu que vinha pras reuniões do sindicato. A Luciana, às vezes, eu trazia, já que não estava estudando ainda. Também, era rapidinho. Às vezes, eu vinha pra Brasilândia e nem na Matinha não vinha. Eu passava por fora, já saia em João Pinheiro. Aí, pegava o ônibus. De Brasilândia, voltava de novo. Às vezes, até no mesmo dia.

Nessa época que tava em Brasília, pai passou mal e a minha mãe mais meu irmão abaixo de mim, Deuzilto, me ligou: *“Neuzi, o pai não tá bem. Vem pra ver o que você pode fazer, porque nós não consegue levar pai no médico e pai teve um desmaio”*. Aí, eu vim pra Bonfinópolis e a gente levou ele pro médico. Lá, a doutora Agda ficou segurando ele no hospital. A gente via que o meu pai não tava bem. Foi o coração. Aí, a Glória também veio de Brasília pra Bonfinópolis. A Madalena já tava lá. A gente juntou, tirou ele à força e levou ele pra Patos. Chegando em Patos, internamos ele no hospital São Lucas. Lá, eles falaram: *“Tem que arrumar o marca-passos e tem que ser rápido, porque, se não arrumar, ele não aguenta”*. Eles encaminharam e eu fui com ele pra Uberlândia, pro Hospital Uai, onde ele colocou o marca-passos. Mas ele não tava reagindo. A gente teve que ficar uns 15 dias lá, trocando entre a gente. Depois, ele veio embora pra casa e eu voltei pra Brasília. Nessa época, a gente tava com a situação difícil. O meu marido tava até desempregado. Graças a Deus, nós conseguimos fazer o tratamento.

Meu pai faleceu. Ele faleceu, dia 23 de junho de 1994. Eu tava grávida da Andreia. Eu tava com pré-eclampsia, inchada, com pressão muito descontrolada. Minha irmã insistiu: *Vamos no médico*. Eu disse: *Não, Glória. Não preciso ir no médico não. Eu tô bem*. Ela respondeu: *Mas nós vamos no*

médico. Ela sempre ia me levar no médico. A gente tinha um convênio e tinha mais facilidade do que se fosse pra ir pro hospital público. Lá, eles contaram pro médico e, depois, me contaram. Aplicaram um remédio e, aí, eu vim, mas eu não vi meu pai. Quando eu cheguei, eu desmaiei. Eu só tenho a lembrança de eu chegar, ver o caixão, ver um prato branco com as folhas de baixo e, aí, não tenho mais lembrança de nada. Ele não conheceu, aqui. No dia 20 de julho de 1994, a Andreia nasceu.

No caso do meu pai, eu me culpo. Não só eu. Os meus irmãos também falam. Hoje, eu falo assim, se a gente tivesse feito diferente... Porque nós via meu pai chegando naquela situação. Eu sinto muito, porque meu pai pode ter morrido mais rápido. Ele morreu com 62 anos. Eu me culpo disso: do sofrimento dele e da minha mãe.

De repente, parecia que o processo do Currálinho, aqui em Santa Fé de Minas, tava mesmo pra sair, e eles decidiram acampar aqui mesmo no assentamento⁵. Aí, Dona Elza me liga e fala: *Neuzi, nós vamos fazer o acampamento. Dá um jeito de vir, porque nós vamos sair tantas horas, na data assim e assim*. Aí, eu vim e meu marido ficou em Brasília. Ele trabalhava no aeroporto e não tinha jeito. Tinha um rapaz que também tava fazendo essa organização de acampamento. Ele me ligou e me avisou o que ele estava fazendo. Falei: *Não. Tá errado. Não pode. Nós tem que acompanhar o sindicato*. O sindicato tinha marcado uma data pra vir, e ele queria fazer o acampamento antes daquela data que o sindicato tinha marcado. Dona Elza foi e avisou os líderes todos, suspendeu tudo. Ela jogou a data mais pra frente e eu voltei pra trás.

Em 1996⁶, a Fazenda foi desapropriada e o pessoal montou o acampamento, já autorizado pelo Incra⁷. Logo que a terra saiu, eu vim embora pra fazenda do meu sogro, na Matinha, e fiquei acompanhando as coisas do assentamento. O meu marido ficou em Brasília um mês, vendeu o lote que a gente tinha e veio pro Currálinho, pro Assentamento Tamboril⁸. Fiquei eu trabalhando na Matinha, com as minhas quatro meninas, mantendo ele aqui acampado. A gente tinha vaca de leite. Eu tirava leite, pra manter nós lá e ele aqui. O pessoal

5 Em 1995, o Incra classificou a Fazenda Tamboril/Resfriado como propriedade improdutivo, recomendando a sua desapropriação para implantação de assentamento rural.

6 O "Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental do Projeto Final de Assentamento do PA Tamboril" indica que a data de criação do assentamento foi 26/09/1996.

7 As famílias de Brasilândia de Minas foram indicadas pelo sindicato local e as de Santa Fé de Minas pela prefeitura da cidade, uma vez que naquela época ainda não existia sindicato no município.

8 O Assentamento Tamboril foi eriado pelo ato 0038 de 23/10/1995. Em 01/09/2016, dados do Incra indicavam que ele ocupa uma área de 9.447,8502 hectares, tendo capacidade para 141 famílias, apesar de viverem 113 famílias no local nessa data.

acampado ficava junto. Nessa época, não podia desmatar, não podia fazer nada⁹. Durante o período em que o pessoal ficou acampado, um fazendeiro vizinho colocou fogo no pasto para tentar incriminar a gente, mas a polícia florestal comprovou que a gente não tinha culpa pelo incêndio. Aí, a gente aproveitou e plantou pra se manter. Acampamos na faixa de um ano, depois é que fizeram o sorteio.

Quando fez o sorteio dos lotes, aí, a gente veio pra conhecer. Ele já sabia onde que era o nosso lote, no Barreiro, no Setor 3. Mas, como eu tava pra lá, eu vim conhecer depois, com ele. A gente olhou o lote todinho. Todo mundo fez isso. As esposas ou os maridos que não tavam vinha pra olhar, pra ver se gostava ou não. Se não gostasse, aí, tinha que devolver: fazer baixa e avisar pro Incra que não queria. No caso, tinha que avisar pro Nilton¹⁰, que foi o primeiro presidente do assentamento. Então, tinha que procurar ele e contar: *Nós não gostou do lote. Nós não vamos ficar.* Ou, então, se quisesse trocar. Teve muita troca de lote. Às vezes, a pessoa foi sorteada no 46, mas ela tava morando no 48. Então, ele tinha que trocar com o outro.

O Domingos queria desistir de vir para cá. Mas eu não queria desistir. Falei pra ele: *Nós desistir? Perder seis anos de luta? Nós não podemos perder seis anos de luta!* Aí, ele veio pra ajudar o irmão dele a fazer um barraquinho e eu fui na prefeitura, em Bonfinópolis, arrumei uma caçamba, coloquei as minhas filhas dentro, e vim. Quando foi no caminho, eu encontrei com ele, que tava indo embora. Ele viu o caminhão, viu a caçamba e falou com o meu cunhado: *Aquilo ali, eu garanto que é Neuzi. Aquela caçamba é de Bonfinópolis.* Eu peguei ele de surpresa. Eu acho que ele até amarelou. Falou assim: *Neuzi, você tá doida?* E eu falei: *Não. Eu não tô não. Nós vamos pra lá.* E ele voltou pra trás. Chegamos no nosso lote já de tardinha, com chuva. Não tinha plástico. Ele foi no vizinho, tomou o plástico emprestado, jogou um plástico em cima de um pau e dos guarda-roupas, um do lado e outro do outro, pra gente dormir.

Aí, no outro dia, nós fomos fazer um barraquinho de plástico, pra colocar nossas coisas embaixo. Tinha palha, tinha tudo na vereda lá na porta, mas não podia tirar, não era autorizado. A gente não tinha autorização de fazer

⁹ Depois de um mês, fez-se o cadastramento dos beneficiários e os topógrafos iniciaram os trabalhos de mediação e elaboração de anteprojeto de parcelamento, para definição do número de famílias a serem assentadas e para distribuição dos lotes.

¹⁰ Nilton Magri de Menezes, casado com Maria de Lourdes Lopes Magri, faleceu em 04/03/2017, durante a visita da pesquisadora ao PA Tamboril, por ocasião das comemorações do Dia da Mulher e da revisão final desse texto junto a biografada. Essa referência é uma homenagem a esse líder comunitário e a sua esposa e filha.



Casa de Neuzi.

Crédito: Ana Paula Salej.

nada. Minha cunhada levou as minhas duas filhas menores, a Andreia e a Luciana, de volta pra casa do meu sogro, na Fazenda da Matinha, e eu fiquei com duas maiores. Foi onde que a gente começou a batalha pra construir a casa e trabalhar a terra.

Quando foi liberado pra gente desmatar, a gente plantou de tudo: arroz, milho, feijão. Tinha a mandioca. Éramos só nós dois mesmo. As meninas tavam pequenas e iam pra escola. Mesmo assim, começaram a trabalhar também bem novinhas. A Lucimar, que é a mais velha, pegava um tamborete ou então um toco, colocava beirando o fogão e subia pra afogar o arroz, fazer a comida. Com nós dois trabalhando, elas tinham que se virar na parte da manhã, antes de ir para a escola delas na parte da tarde. A escola era no setor mesmo. O Inera construiu uma escola em cada setor. No caso nosso, o lote era bem pertinho da escola. A gente foi fazendo as coisas com o apoio do Inera.

Em 2002, eu adoeci. Amanheci desmaiada. Domingos me levou pro Buriti-zeiro. Foi um mês pra fazer exame e marcar a cirurgia de perineo. Quando marcaram a cirurgia, passou uma semana, o Domingos teve uma parada cardíaca e morreu, ali mesmo na estrada do assentamento, empurrando a bicicleta na subida do morro. Mal enterrei meu marido, tive que fazer a cirurgia. Foi difícil. Com tudo isso, eu e a Andreia, que tinha 8 anos, entramos em depressão. Aí, eu tive que ir pra Uberlândia pra ter tratamento.

11.3 O período afastada da terra

Fui do assentamento, em Santa Fé de Minas, para Uberlândia, sem destino. Não conhecia Uberlândia. Eu deixei minhas meninas, aqui, e fui. Cheguei lá, fui pra um hotel. Eu fui, na primeira vez, pra conhecer, e ver se eu conseguia um aluguel. Cheguei lá sem casa nenhuma onde procurar. Mas eu fiz isso por causa das minhas filhas. Eu fiquei só, com as minhas filhas todas de menor. Aí, no hotel mesmo, eu pedi informação: qual bairro era melhor pra conviver? Me informaram. Peguei um ônibus. Andando pelo bairro, eu achei a placa de aluguel. Procurei a mulher e contei a minha situação pra ela. Aí, ela falou: *Nós vamos embora pra Brasília. Se você quiser vir pra cá, nós divide essa casa.* Assim, eu fiz.

Voltei pro assentamento e avisei pra minha família que eu tava indo. Eu só contei pra minha mãe. Minha mãe falou que não era pra eu ir, mas eu não obedeci ela. Com a minha depressão, eu me dizia que a minha família tinha me abandonado. Eu não queria ter contato com ninguém. A vida era só chorar e dizer que a minha família tinha me abandonado. Aí, eu peguei as minhas meninas e fui. Quando eu cheguei, a gente não fez a fornalha lá fora pra fazer comida, porque a gente tava morando com a mulher. Ela ainda ficou lá umas duas semanas com a gente.

Quando a mulher foi embora, ela deixou um fogão pra mim. Bujão, eu tinha. E deixou uma cama também, por que a gente tava dormindo no chão. Na minha mudança, eu larguei a maioria das minhas coisas, aqui. Porque eu fui em uma caminhonete. Eu, minhas meninas e a mudança. Então, o rapaz só levou um pouco de arroz, um pouco de feijão. Aí, eu só levei as coisas da despensa. Eu fui começar. Fui na loja de móveis usados, comprei cama e comprei colchão, porque a gente não tinha. Nem isso a gente tinha levado. A situação da gente, aqui, era fraca. Então, o colchão nosso eram ruim, era colchão de palha. Não sei se vocês conheceram, mas era o que a gente

tinha. A gente foi improvisando algumas coisas que a gente não conseguia comprar, até que eu consegui arrumar um serviço. Depois, na hora que eu dei uma controlada lá, eu fretei o carro de novo pra levar o resto das coisas. Porque a gente tinha muita despensa. Quando o Domingos faleceu, ele foi, mas deixou a gente com muita despensa. Muito arroz, muito feijão, muito porco. Porco gordo. Essa despensa deu pra me manter muito tempo. O arroz era sem limpar, mas eu tinha uma máquina de limpar arroz. Até hoje, tenho essa máquina. Eu limpei muito arroz.

No primeiro ano, a Luciana ficou com o meu irmão, José Maria, que já morava aqui no assentamento. Eu não consegui vaga de escola pra ela, lá em Uberlândia. Demorei demais pra conseguir fazer matrícula das minhas meninas.

Já nas últimas tentativas de conseguir vaga pras meninas na escola, quando eu já tava desistindo, eu tava na fila e conheci a Olívia. Na fila, fiquei sabendo que ela precisava de alguém pra cuidar da irmã dela, Dona Gersina. Eu contei a minha situação todinha pra ela. Eu contei que eu tava com depressão e minha menina também, que eu tinha conseguido tratamento só pra mim – pra menina eu não tinha conseguido. Ela ouviu e já me deu coisa, e me ajudou a comprar coisas. Como as meninas dela tudo trabalhava no hospital, ligou pra elas. As meninas foram lá e me conheceram. Já arrumaram médico pra mim. Aí, fiquei trabalhando com a Dona Gersina e fazendo acompanhamento médico, até que eu melhorei. A velhinha tinha mal de Alzheimer. Ela quase não falava, mas acenava. Às vezes, ela falava muito baixinho.

Lá, eu fiquei oito meses, até que eu fui chamada na Sadia. As minhas meninas fizeram amizade com um rapaz que era da nossa região, de Bonfinópolis, e que trabalhava na Sadia. Até hoje, eu acho, ele trabalha. Quando meu currículo foi pra Sadia, não chegou um mês, eu fui chamada. A Dona Gersina não tinha arrumado gente pra ficar com ela e a Lucimar, a mais velha, ficou. Mas só que a Lucimar não podia ficar com ela muito tempo, porque a Lucimar era de menor.

Na Sadia, o que eu fazia era trabalhar na desossa. Pra mim, que não tenho costume assim de ficar muito tempo em pé, o que eu senti foi isso. Agora, mexer com a carne, a gente já é acostumado. Tudo bem que eles têm o tipo do trabalho deles, né? Da desossa, da esteira. A gente tem que trabalhar muito rápido; é muito cansativo. Mas eu agradeço a Deus, porque foi assim que eu dei conta de manter a gente melhor. O meu salário melhorou. Eu fiquei lá, dois anos.

Mas, em Uberlândia, a gente não tinha parente, não tinha ninguém. Aí, a Glória ligou, falando pra eu ir pra Brasília. Eu fui. Cheguei lá com serviço arrumado. As meninas tinha escola pertinho. Só consegui ficar seis meses. Voltei pra terra de novo. Eu estava melhor de saúde. Eu tinha nosso lote no assentamento e não queria vender. Aí, as minhas meninas já estavam maiores também. Já tinha filha de maior, a Lucimar. Ela e a Luciana ficaram em Brasília com a minha irmã. Elas tavam trabalhando. Valéria também tava trabalhando, mas, mesmo assim, não quis ficar. Ela e a Andreia voltaram comigo pro assentamento.

Aí, eu recomecei minha vida no assentamento. Quem me ajudava na roça era a Valéria. Luciana nunca voltou pra ficar de verdade. Já Lucimar, teve o primeiro filho, em Uberlândia e voltou um tempo. Teve o segundo filho, aqui. Mas o terceiro já foi em João Pinheiro. Arrumei um namorado, o Jerônimo, que todo mundo conhece como Nego. Com ele, tive minha filha mais nova, a Diennifer. A gente convive, até hoje, e se ajuda. Temos uma boa parceria.

Municípios citados no relato da trajetória de Neuzi, 1966-2016



■ Trajetória de Neuzi 1966-2016

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Pesquisa de campo.

Elaboração: Fundação João Pinheiro.

11.4 O dia a dia

Hoje, o meu dia a dia melhorou muito. Antes, eu tava plantando milho e mandioca. Mas tava muito difícil, pra eu mexer sozinha. Meus braços não dão conta mais, pois já tirei muito leite e fiz uma cirurgia na mama. Aí, a gente decidiu plantar o maracujá. Comecei, em 2015.

Só que, aqui, não tinha água. Carregava água era na carroça. Igual muitos daqui ainda fazem. Eu tinha um gadinho. Aí pensei: *Eu vou vender o meu gado todinho e furar um poço, porque não tem como.* Aí, decidi furar o poço. Foi assim que a gente pôde fazer o plantio de maracujá e melancia talismã. A melancia foi a Luciana, lá em Brasília, que ajudou a procurar a semente pela internet. Essa variedade tem a casca mais fina, tem mais polpa e é melhor pra vender. Hoje, a maior parte da terra está plantada com maracujá e melancia.

Eu levanto cedinho. Cinco horas que é o horário d'eu levantar. Já trato das minhas criações correndo, e, na hora que eu desocupo, eu já ponho o feijão no fogo. Depois, a Diennifer vai pra escola e eu vou pro serviço. Aí, eu fico ali, até meio-dia. Meio-dia, eu venho e faço comida. Às vezes, eu faço comida que dá pra almoço e janta, e volto pro serviço de novo. Faço o trabalho na terra, até de tardinha. A menina fica só, já que as outras já não moram no assentamento. (A Andreia ficou aqui até os 19 anos, quando ela formou. Tá com dois ou três anos que ela saiu.) Às vezes, o serviço aperta muito. Não tem como a gente vir mais cedo. Aí, eu lavo roupa à noite. Hoje, eu já não varro a casa, porque a Diennifer já dá conta. Mas, antes, era eu.

A Diennifer está com nove anos. Ela faz de tudo. Ela arruma a casa todinha. Se você chegar, você fala que é um adulto que arrumou. É só o fogo de lenha que ela não mexe ainda. Eu tenho medo e já recomendei ela. Teve um dia em que ela inventou de fazer isso, mas não pode. Ela acende o fogo no gás e faz a comidinha dela.

Além do trabalho na terra, eu mexia com costura. Só que, depois que eu fiz a cirurgia, eu não mexi mais. Eu fazia camisetas. Costurava e silcava. Mas eu só fazia de encomenda, só pra evento. Eu fiz também, pra escola, o uniforme dos meninos do município.

A gente faz irrigação por gotejamento. Agora, fazendo essa irrigação, o trabalho é direto. Antes, na seca, eu mexia com farinha. No caso de farinha, eu só e a Andreia, nós já fizemos até 25 sacos de farinha. Mas, de uns dois anos pra cá, eu também parei de mexer com farinha. Mesmo com a irrigação, o trabalho aperta mais nas águas, porque a gente tem a capina. Aí, tem o milho, tem o feijão, tem a cana, tem tudo pra gente plantar. Nós plantamos milho, arroz, feijão. Esse ano, a gente não fez, mas a gente costuma fazer rapadura.

O jeito de mexer com cada coisa, a gente vai aprendendo. Umás coisas, a gente faz como antigamente. Outras, aprende com os outros ou com os técnicos. Agroecologia, eu mesma tive dois cursos. Mas eu nem lembro mais. A gente fez esse curso e, depois, não dedicou. Aí, esqueci tudo. No caso do maracujá, consegui ajuda de uma empresa que me orientou como eu tinha que cuidar.

Ao lado: Frutas produzidas por Neuzi. Abaixo: Neuzi poliniza o maracujá. Crédito: Ana Paula Salej.



A chuva, aqui, tá tão complicado pra gente. De primeiro, ela vinha no mês de outubro. No último ano, ela veio em novembro e foi parar em janeiro. Aí, não teve mais chuva. Perdemos muita planta.

No caso do plantio do maracujá, a gente vendia era a fruta. Depois, agora, a gente tá conseguindo vender a poupa. E a melancia, a gente, às vezes, consegue que o caminhão de fora vem pegar. Agora, estamos entregando para a escola. A abóbora, a gente colheu e vendeu pra Conab e pra escola, no PAA. Além disso, tem muita fruta que é pra gente mesmo. Não vendemos laranja, manga. O arroz, o feijão e o milho são pras nossas despesas. No caso dos porcos, a gente também não vende. Porco é pra nossa despesa. Agora, já as galinhas, às vezes, sai algum frango. Agora que eu estou mexendo com a chocadeira que comprei de segunda mão, eu vendo frango limpo na feira livre, em Brasilândia, todo domingo. Aqui, não temos sistema de troca. No início, a gente tinha muita troca. Hoje, não tem.

O desafio de quem trabalha com a agricultura familiar é muito grande. Às vezes, você produz e, às vezes, você perde. Não tem mercado. Principalmente, no caso da gente, aqui no assentamento. Fica mais distante e o asfalto é de agora. No caso do leite, a gente entregava o leite e fazia queijo. Eu fui em João Pinheiro com o pessoal. A gente conseguiu uma firma pra vir pegar o leite aqui. Mas, depois, acabou que estavam pagando muito barato e não tinha como trabalhar. Com aquele preço a gente não dava conta. Tinha que vender o gado pra pagar conta. O pessoal foi parando. Os tanques de resfriamento de leite que o Estado colocou aqui, hoje, estão parados. Aí, foi aonde a gente parou de mexer com gado e começou a investir nas frutas. Estamos fazendo um teste, pra ver se dá certo.

A gente até pensou em vender e sair daqui. Mas vamos pra cidade fazer o que? A gente já é de idade, não tem estudo. Fazer o que? Pra mim, ser mulher do campo é tudo. Eu amo essa batalha! Pra mim, é tudo. Porque eu gosto. Eu amo. Se for pra mim largar aqui ou vender e ir pra cidade, meus dias de vida, eu tenho certeza que é menos.

11.5 O apoio governamental

A ajuda do Inera foi mais no início do assentamento. Pra cercar, desmatar, adubar com fosfato e calcário. O assentamento tem três setores. O Setor 1; o Setor 2, que é o Beira Rio; e o Setor 3, que é o Barreiro da Onça. Todos

têm escola, desde o início, mas as aulas eram debaixo das árvores ou em um rancho de palha. Tinha aula, mas não tinha estrutura. As salas de aula, isso foi construído, tem pouco tempo. O posto de saúde fica no Setor 2, que é mais central. Agora, coisas mais graves, tem que ir pra longe. Um dia, a Diennifer machucou o dedo. Eu tive que colocar na bicicleta e levar pra Santa Fé. Quando ela passou mal, antes da gente saber que ela tinha diabete, corri com ela pra Brasilândia e ela foi internada em Brasília. A luz chegou tem uns oito anos. Acho que foi com o Programa Luz para Todos.

Hoje, a gente não recebe nenhum apoio pra poder desenvolver o trabalho aqui. O técnico do IMA vem, o técnico da Emater vem, mas é mais pra controlar do que para orientar e ajudar. Dependemos é dos nossos braços mesmo. Não tem apoio não.

Tem política do governo que tem ajudado. O Plano Safra¹¹, que a gente já pegou. A gente já acessou o Pronaf¹². Eu já acessei bem, umas vezes. Agora mesmo, eu fiz um empréstimo.

Eu tenho a DAP¹³. Mas são muito poucas mulheres que têm DAP e, aqui, tem muitas mulheres. Tem que bater em cima do direito de cada uma. Nós temos o direito. Vem aquele negócio de que, se o homem tem DAP, a mulher não pode ter a DAP. Não vem no nome dela. Eu tenho, porque o meu marido morreu. A DAP vem no nome do marido, mas tem o nome da mulher. Ela tem que usar a DAP com o marido. Se for pra ela sozinha ter a DAP, não pode. E, se não tem DAP, a mulher não tem direito de fazer o seu projeto. Se o marido tiver restrição, ela não faz nada, porque a DAP é dela e dele. Isso, pra mim, já é uma discriminação, porque a gente trabalha.

O jovem não tem DAP também. A gente tem essa dificuldade com o jovem que tem que usar a DAP do pai. Assim, é difícil eles acessarem um projeto. Tendo a DAP, já facilitaria pra eles. Hoje, tá muito complicado pros jovens. Eu gosto muito de defender o jovem, porque, no meu pensamento, a gente está de idade. A gente vai e o jovem fica. É o jovem que levanta o Brasil. É o jovem que levanta o mundo. Aqui, hoje, não tem jovem no nosso assentamento. Não só no nosso

11 O Plano Safra é como chamam o Plano Agrícola e Pecuário (PAP) e o Plano da Agricultura Familiar, publicados anualmente pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e pelo extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Eles estabelecem medidas para orientar os investimentos agropecuários no país, no período referente ao calendário agrícola anual.

12 O Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf) financia projetos individuais ou coletivos que gerem renda aos agricultores e assentados da Reforma Agrária.

13 A DAP é a Declaração de Aptidão ao Pronaf.

assentamento, em vários assentamentos. Quem é jovem vai embora. Não tem lazer, não tem trabalho. As minhas filhas foram pra cidade. Tem uma em Uberlândia, outra em Brasília, outra em Brasilândia e uma em Buritis de Minas.

A mulher trabalha mais que o homem, no campo. Muito mais. No meu caso, eu levanto às cinco horas da manhã e, seis horas, eu já estou com os meus trens todos arrumados. As mulheres levantam cedo, pra cuidar de tudo. O marido chega em casa e quer a comida pronta, a roupa limpa. Isso, normalmente, eles não ajudam. Eu vejo muitas reclamarem disso. Eu tenho pessoa minha, aqui, que ela que se mantém, põe tudo dentro de casa. Tem marido, mas não tem. O marido não trabalha. Fica andando pra aqui, pra acolá. Às vezes, dá uma mãozinha, mas o grosso mesmo é todo dela. E, pra mulher assim, a gente levanta o chapéu. Pra mim, é como parceria, tudo dividido. Pra algumas mulheres do assentamento é assim, mas não são todas, varia.

O meu sonho aqui não é só pra mim. Eu queria que tivesse como a mulher trabalhar mais tranquila, que ela trabalhasse e conseguisse vender pra ela ter o seu dinheiro. Porque tem muitas que não têm o seu dinheiro próprio. Trabalham muito e não têm o seu dinheiro. Se tiver arrecadação, é pouquinho e vai pra dentro de casa. Elas, às vezes, deixam de comprar bens pra elas – uma roupa, um calçado, alguma coisa, pra levar pra dentro de casa. A gente tinha que arrumar uma forma pra elas plantarem, colherem, fazer uma horta comunitária. Ver o que podemos fazer, pra ajudá-las.

11.6 Os movimentos diversos e a luta pelos direitos das mulheres

Tem 30 anos que eu tô sindicalizada. Comecei a trabalhar em sindicato com a Dona Elza, em João Pinheiro. Era uma parceira pra tudo. Ficamos muito amigas e foi assim que entrei pro sindicato. Além disso, o Otacílio e a Lia, que muita gente chama de Maria Antônia, eram da minha região, a Matinha. Eles também ajudaram, para eu ingressar na Fetaemg. Acompanhei a criação e participei do Conselho Fiscal do Sindicato de Brasilândia. Só que eu fiquei lá só um mandato, só quatro anos.

Hoje, sou associada do Sindicato de Santa Fé¹⁴. Depois que a gente veio pra cá, eles me convidaram. Aí, me filiei, mas eu não quis participar, por causa do trabalho aqui. Também, pra mim, era totalmente errado o tipo de trabalho. O pessoal de Brasilândia conhece o que é os seus direitos de sindicato. E, aqui,

14 O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Fé de Minas foi criado em 29/12/1997.

em Santa Fé, eles não conheciam o que é o direito de sindicato. Eles achavam que sindicato tinha que ser um sindicato rural, que tinha que atender o fazendeiro. Tem prefeito que, até hoje, tem esse problemzinho aí. Então, eu não aceitei. Depois que eu vi que ele tinha normalizado, eu entrei de Diretora de Jovens e Mulheres. São quase oito anos que eu estou Diretora de Jovens e Mulheres do Sindicato de Santa Fé. Eu também faço parte da Comissão de Mulheres da Regional Noroeste. Nessa Comissão, eu participei de encontros e reuniões. A aceitação do trabalho de mulheres no sindicato na sociedade, aqui, é boa. Mas eu tive um pouco de dificuldade. Então, pra mim, eu acho que não mudou quase nada não.

Aqui no assentamento, eu fui presidente da Associação Geral¹⁵, na terceira gestão, a que terminou em 2001. Aí, depois, fiquei um tempo fora do assentamento e, quando voltei, fui conselheira da Associação Geral e Vice-presidente da Associação das Mulheres¹⁶. Passei pra presidente da

¹⁵ A Associação dos Assentados do Projetos Tamboril (Apontam), criada em 18/01/1995.

¹⁶ A Associação de Mulheres do PA Tamboril foi criada em 30/11/2003.



Associação. Crédito: Ana Paula Salej.

Associação de Mulheres, na segunda gestão, quando a Adelaide, que foi a fundadora, saiu. No meu mandato, conseguimos recursos pra construir a sede. Foram as mulheres daqui mesmo que levantaram as paredes da sede. Depois, a Teresa, Terezinha Saturnino da Silva, entrou de presidente e eu entrei de conselheira. Hoje, eu estou de conselheira de novo. Estava como presidente da Cooperativa, até pouco tempo. A Cooperativa ainda era pra tá no meu mandato, mas eu pedi afastamento. Acho que teve o problema de preconceito, porque, de cabeça, só tinha mulher: eu, Marilene, Neuza e Zilma. Incomodou pra eles, então, eu pedi afastamento. Eu fiz foi afastar. Eu não pedi demissão. Passou pro Messias, Messias Alves Moreira, o vice.

Comparando a vida da minha mãe, a minha e a das minhas filhas, muita coisa mudou. Da minha mãe pra mim, mudou. A minha mãe era analfabeta, igual ao meu pai. Então, já mudou, porque a gente já teve estudo e eles não. E também mudou muito, porque a minha mãe parece que ficava mais fechada em casa. Ela quase não saía. E, naquela época, eu lembro bem, a mulher não tinha direito de ter um documento dela. Ela era dependente do marido. Então, com a luta, mudou isso.

De mim pras minhas filhas, com certeza, mudou mais. Minhas filhas já estudaram mais. Tiveram mais apoio, já que a gente teve mais condição que meus pais. O que meus pais não tiveram condição de me dar, eu já tive uma condiçãozinha um pouquinho a mais pra dar pras minhas filhas.

Minhas filhas não ficaram na terra. Pra começar, elas perderam o pai novas e já tiveram que trabalhar. Com 11 anos de idade, a Luciana já tava trabalhando em casa de família, ajudando pra sustentar nossa casa. Das filhas do Domingos, a Valéria é a que tem mais amor pela terra. Ela tirava leite, ela fazia tudo. O que eu fazia, ela fazia. Capinava, tudo. Tanto que a Valéria nem foi pra outro lugar mais longe, ela não quis ir. Ela fica aqui próximo, em Brasilândia. Dá uma treguinha, ela vem e agarra na enxada comigo. Mas a Lucimar, a Luciana e a Andreia não. Elas já não têm muito laço não. Mas eu acho que é por causa d'eu ter ido com elas pra cidade. Quando a gente foi voltar, tiveram muita dificuldade de trabalhar. Elas falavam: *Não, eu não vou. Eu não dou conta.* Quando a gente voltou, eu, Valéria e Andreia fomos trabalhar na roça, capinando. Não ficaram, porque não começaram cedo e por que, aqui, não tem nada para oferecer pros jovens. Diennifer, filha do Nego, eu acho que ela vai pegar um pouquinho do meu batido. Parece que

é mais caseira que as outras, mas tá pequena pra saber. Mesmo com as meninas longe, nós somos assim: uma ajudando a outra. Na hora que eu tô apertada, que eu tô precisando de um dinheiro, elas mandam pra mim. A hora que uma delas tá precisando, eu mando. É uma ajudando as outras.

Acho que as jovens mulheres do campo têm que manter a cabeça erguida e não baquear. O machismo é muito. Elas têm que, de uma forma ou de outra, caçar um jeitinho pra derrubar ele. Porque, senão, se nós mesmas não zelarmos, não tem outras pessoas pra zelar pra gente não. E, se a gente conseguiu o que conseguiu até hoje, foi com força e garra. Se não fosse com força e garra, a gente não tinha conseguido não.

Hoje, tem muita mulher que, quando eu convido elas pra fazer um encontro, pra participar de algum encontro ou fazer alguma coisa assim, ela já fala logo: *Ah, Neuzi, eu vou, porque nós tem que pegar junto. Não é só você sozinha que tem que pegar não.* Então, o recado que eu deixo pra elas é isso, que tem que estarem unidas, porque sozinha, uma para um lado e outra pro outro, não consegue. Têm que estarem unidas, com a cabeça erguida e falar assim: *Eu vou derrubar e nós vamos dar conta.* Hoje, nós não somos dependentes. Antes, éramos. Fui várias vezes no Grito da Terra. E, naquela época que eu participava muito, em 2001 ou 2002 mais ou menos, muitas mulheres falavam assim: *Você é doida. Você vai entrar no chumbo. Você vai entrar na boca do revólver. Eu não vou de jeito nenhum.* Hoje, já está mudado. No nosso assentamento, esse ano, foram muitas mulheres que pediram pra ir e que foram pra Brasília, no Grito da Terra. Só aqui, esse ano, foi um ônibus.

A gente vai participando e parece que a gente vai tendo mais garra. A gente vai entendendo mais a luta, reconhecendo a luta. Porque é uma luta forte. A gente sabe que tem que estar com a cabeça erguida, pra dar conta. Tem até desafio dentro da gente e dentro da própria casa da gente.

Aqui, tem muita mulher sindicalizada. Acho que elas são a metade dos associados no sindicato. Se interessam, por causa da aposentadoria. Tem o salário-maternidade que também interessa. Então, é uma coisa que tá crescendo. Por exemplo, nesse negócio do governo mudar a aposentadoria, eu falei com o presidente do sindicato, vamos chamar a entidade, juntar os sindicatos que são as bases, e vamos pra frente. A gente tem que mostrar que nós também temos poder, que ele está lá porque nós colocamos e, se nós colocamos, nós podemos tirar.

Eu acho assim: o desafio das mulheres é continuar do jeito que cada uma vê e não desistir. A mulher precisa ter o seu direito. Às vezes, o homem mesmo tem que se rebaixar pra elas. Eu acho que a mulher, ela tem tudo pra ela desafiar, se ela quiser. Ela tem que desafiar algumas pessoas que acham que a mulher não tem o direito. Se não tem informação, eu acho que tem que pedir informação pra quem tem informação¹⁷.

¹⁷ Esse capítulo é a transcrição da entrevista individual de história oral temática concedida por Neuzi a Ana Paula Salej e Giovanna Lunardi.